

## UMA FAMÍLIA PARA FREDDIE

ABBIE BLAIR

Lembro-me da primeira vez em que vi Freddie. Estava em pé no seu cercadinho na agência de adoção onde trabalho. Ele me deu um sorriso cheio de dentes. "Que bebê bonito", pensei.

- Será que você vai conseguir achar uma família para Freddie? - a moça que tomava conta dele na agência me perguntou.

Foi quando percebi. Freddie tinha nascido sem os braços.

- Ele é tão esperto. Só tem dez meses, já anda e fala. - Ela o beijou. - Diga "bolá" para a senhora Blair.

Freddie sorriu para mim e escondeu a cabeça no ombro da encarregada.

- Vamos, Freddie, não faça assim - ela disse. - Ele é realmente muito afável, um garoto muito, muito bonzinho.

Freddie me fazia lembrar meu próprio filho com aquela idade, os mesmos cachos escuros e espessos, os mesmos olhos marrons.

- Não vai se esquecer dele, senhora Blair? Vai tentar?

- Não vou me esquecer.

Fui para o andar de cima e peguei minha lista atualizada de "crianças de difícil colocação".

*Freddie é um menino de dez meses de idade, branco, de origem protestante, inglesa e francesa. Tem olhos e cabelos castanhos e pele clara. Freddie nasceu sem os braços, mas goza de boa saúde. A pessoa que se ocupa dele na agência considera sua inteligência superior à média e ele já está andando, além de dizer algumas palavras. É uma criança carinhosa e amorosa. Freddie foi abandonado por sua mãe biológica e está pronto para ser adotado.*

"Ele está pronto", pensei. "Mas quem está pronto para ele?" Eram dez horas de uma linda manhã de fim de verão e a agência estava cheia de casais - casais sendo entrevistados, conhecendo bebês, famílias sendo formadas. Esses casais quase sempre têm o mesmo sonho: querem uma criança parecida com eles, com pouca idade e - o mais importante - sem problemas.

- Se ele tiver um problema depois de o levarmos, tudo bem.

É um risco que corremos, como quaisquer outros pais. Mas escolher um bebê que já tem um problema, aí é demais - eles dizem.

E quem pode culpá-los?

Eu não era a única a procurar pais para Freddie. Todas as pessoas encarregadas das entrevistas com novos casais interessados começavam a conversa com uma esperança: talvez aqueles quisessem ficar com Freddie. Mas o verão passou, chegou o outono e Freddie ainda estava conosco no seu primeiro aniversário.

- Freddie é gaaande - dizia o menino, rindo. - Gaaande.

E então eu os encontrei.

Começou como sempre começa: uma mensagem impessoal na secretária eletrônica, um novo caso, uma nova família a ser analisada, duas pessoas que queriam uma criança. Eram Frances e Edwin Pearson. Ela com quarenta e um anos, ele com quarenta e cinco. Ela dona-de-casa, ele motorista de caminhão.

Fui vê-los. Viviam numa casa de madeira branca bem pequena, num grande terreno cheio de sol e árvores antigas.

Juntos me receberam à porta, ansiosos e mortos de medo.

A senhora Pearson serviu um café quentinho e biscoitos assados no forno. Sentaram à minha frente, num sofá, bem perto um do outro, de mãos dadas. Depois de um momento, a senhora Pearson falou.

- Hoje é nosso aniversário de casamento. Dezoito anos.

- Anos muito bons, com a exceção... - disse o senhor Pearson, olhando para a mulher.

- É. Com a exceção, sempre a exceção... - Ela olhou em volta. - A casa está arrumada demais, dá para entender?

Pensei na sala da minha casa e nos meus três filhos, agora adolescentes.

- Dá, dá para entender - respondi.

- Será que estamos muito velhos?

Sorri.

- Vocês não se acham velhos e nós também não achamos.

- A gente sempre pensa que vai ser num mês, depois no próximo. Exames. Testes. Todas essas coisas. Um monte de vezes. Mas nunca aconteceu nada. Você fica com aquela esperança e o tempo vai passando - disse a senhora Pearson.

- Já tentamos adotar antes. Uma agência nos disse que nosso apartamento era pequeno demais, então compramos esta casa. Em outra agência nos disseram que eu ganhava muito pouco. Resolvemos nos conformar, mas um amigo nos indicou a sua agência e decidimos fazer uma última tentativa - o marido acrescentou.

- Fico contente com isso - eu disse.

A senhora Pearson olhou orgulhosa para o marido.

- Será que podemos escolher? - ela perguntou. - Conseguir um menino para meu marido?

- Vamos tentar arrumar um garoto - eu disse. - Que tipo de garoto?

A senhora Pearson riu.

- Quantos tipos existem? Basta que seja menino. Meu marido gosta muito de esportes. Jogava futebol e basquete quando estava no colégio. Ele será um ótimo pai.

O senhor Pearson me olhou.

- Sei que a senhora não pode dizer exatamente agora, mas pode nos dar uma ideia de quando será? Já esperamos tanto tempo!

Hesitei. Sempre faziam essa pergunta.

- Talvez no próximo verão - a senhora Pearson falou. Poderíamos levá-lo à praia.

- A senhora não teria um garoto para nós? Deve haver um menininho em algum lugar. - Depois de uma pausa, o senhor Pearson continuou. - Claro que não podemos dar a ele o mesmo que outras pessoas. Não temos muito dinheiro guardado.

- Mas temos um monte de amor - acrescentou a mulher. Amor nós guardamos bastante.

- Bem, há um menininho. Ele tem treze meses - eu disse, cautelosa.

- Ah, uma bela idade - disse a senhora Pearson.

- Tenho uma fotografia dele. É um menino maravilhoso, mas nasceu sem os braços - disse, mostrando a foto de Freddie.

Olharam a fotografia em silêncio, estudando-a. O senhor Pearson olhou para a mulher.

- O que você acha, Fran?

- Futevôlei. Você pode ensinar futevôlei para ele - a senhora Pearson disse, entusiasmada.

- O esporte não é a coisa mais importante. O importante é aprender como usar a cabeça. Ele pode viver sem os braços. Mas nunca sem a cabeça. Pode ir à faculdade. Vamos economizar para isso - o senhor Pearson falou.

- Um menino, é um menino - insistiu a senhora Pearson. - Ele precisa jogar alguma coisa. Você pode ensinar.

- Vou ensinar. Os braços não são tudo. Talvez consigamos uns braços para ele.

Eles se esqueceram de que eu estava ali. Mas talvez o senhor Pearson estivesse certo. Talvez um dia Freddie pudesse ter braços artificiais. Na verdade ele tinha protuberâncias onde os braços deveriam estar.

- Então vocês gostariam de vê-lo?

Eles me olharam.

- Quando podemos apanhá-lo?

- Vocês acham que podem querer ficar com ele?

A senhora Pearson me olhou.

- Se podemos? - ela disse. - Podemos?

- Nós o queremos - disse o marido.

Olhando para a fotografia novamente, a senhora Pearson perguntou:

- Você estava esperando por nós, não estava?

- O nome dele é Freddie, mas vocês podem trocar.

- Não. Frederick Pearson - o nome combina com o nosso.

E assim foi.

Houve formalidades, é claro. E, quando marcamos a data para a entrega de Freddie, as luzes de Natal enfeitavam as ruas da cidade e havia guirlandas penduradas em todos os lugares.

Encontrei os Pearson na sala de espera. Em seus casacos, uns flocos de neve.

- Seu filho já está aqui - lhes disse. - Vamos subir, que vou trazê-lo para vocês.

- Estou nervosa! - disse a senhora Pearson. - E se ele não gostar de nós?

Pus a mão sobre seu braço.

- Vou apanhá-lo - eu disse.

A pessoa encarregada de Freddie o vestira com uma roupa nova, branca, com um ramo de azevinho e tiutinhas vermelhas bordados na gola. Seu cabelo brilhava, um monte de cachos escuros.

- Para casa - Freddie me disse, sorrindo, quando a encarregada o colocou no meu colo.

- Eu disse isso a ele. Disse que ele estava indo para sua casa nova - ela falou.

Ela o beijou, os olhos cheios de lágrimas.

- Até logo, querido. Seja um bom menino.

- Bom menino - disse Freddie alegremente. - Para casa.

Levei-o ao andar de cima, até a sala onde os Pearson estavam esperando. Quando cheguei, coloquei-o no chão e abri a porta.

- Feliz Natal- eu disse.

Freddy deu uns passos cambaleantes, sem muito equilíbrio, olhando firmemente para as duas pessoas à frente dele. Os Pearson ficaram maravilhados.

O senhor Pearson se apoiou em um dos joelhos.

- Freddie, venha cá. Venha aqui com o papai.

Freddie olhou para trás, me procurando. Mas logo se virou e andou devagar até eles, que abriram os braços e o envolveram carinhosamente.